

A CIRCULAÇÃO DE *ABECEDARIOS* E *ALPHABETOS ILLUSTRADOS* NO BRASIL NO SÉCULO XIX

THE CIRCULATION OF ALPHABET BOOKS
IN 19TH-CENTURY BRAZIL

Eliane Peres

Universidade Federal de Pelotas
eteperes@gmail.com

RESUMO

O foco deste artigo são abecedários que circularam no Brasil no século XIX. Os dados da investigação foram todos coletados em jornais disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Apresentam-se três argumentos principais: 1) para o período supracitado, havia circulação de muitos abecedários, fossem em formato de folhetos, fossem no de *codex*; 2) para a produção e uso desses artefatos, argumentava-se em favor do “aprender brincando”, revelando que, muito antes do advento da circulação dos ideais da Escola Nova no Brasil – que se dá fortemente desde as primeiras décadas do século XX –, essa ideia era corrente no país, tanto para/no ensino doméstico quanto escolar; 3) desde o final da primeira metade do século XIX, defendia-se o fim da soletração e anunciavam-se cartas para aprender a ler com as quais não era necessário o ensino das sílabas isoladas.

Palavras-chaves: abecedários, alfabetos ilustrados, ensino da leitura, século XIX.

ABSTRACT

This paper examines alphabet books that circulated in Brazil during the 19th century. All data were collected from newspapers available at the digital periodicals archive of the Brazilian National Library. Three main points are presented: 1) during the period, there was intense circulation of alphabet books, in booklet or *codex* format; 2) the production and use of these artifacts was based on the idea of a playful learning, revealing that long before the advent of the New Education movement in Brazil – which had a strong influence since the first decades of the 20th century –, this was a prevalent idea in the country, both in home and school education; 3) since the late first half of the 19th century, the end of spelling was endorsed, and letters that taught how to read were advertised, which did not require the teaching of isolated syllables.

Keywords: alphabet books, illustrated alphabets, teaching of reading, 19th century.

Introdução

Quando se abordam artefatos para o ensino inicial da leitura e da escrita no século XIX no Brasil, há que considerar que os impressos e os manuscritos conviveram lado a lado nesse ensino no período referido. Todavia, os dados da pesquisa que resultou neste artigo têm demonstrado que materiais impressos para o ensino inicial da leitura e da escrita circulavam em diferentes províncias e tiveram presença significativa, senão no ensino escolar, no ensino privado e doméstico.

O presente trabalho apresenta três argumentos principais: 1) para o período supracitado, havia circulação de muitos abecedários, fossem em formato de folhetos, fossem no de *códex*; 2) para a produção e uso desses artefatos, argumentava-se em favor do “aprender brincando”, revelando que, muito antes do advento da circulação dos ideais da Escola Nova no Brasil – que se dá fortemente desde as primeiras décadas do século XX –, essa ideia era corrente no país, pelo menos pelos dados da pesquisa, tanto para/no ensino doméstico quanto escolar; 3) desde o final da primeira metade do século XIX, defendia-se o fim da soletração e anunciavam-se cartas para aprender a ler com as quais não era necessário o ensino das sílabas isoladas. A condenação da soletração, aliás, não era algo novo no ensino da leitura e da escrita em diferentes partes do mundo e foi ganhando espaço na produção didática brasileira, em especial a partir dos anos de 1860. Abílio César Borges, por exemplo, em seu *Primeiro Livro de Leitura*, escreveu que “o trabalho puramente material da soletração de sílabas é considerado tão sem vantagem por mestres de primeira ordem na Europa, que vários teem com muito sucesso eliminado inteiramente do ensino da leitura” (*In*: CÔRREA; SILVA, 2010, p. 35). Outros autores de cartilhas no Brasil farão coro à defesa da silabação em palavras significativas, condenando, então, a soletração; era o caso de Hilário Ribeiro, por exemplo.

Esse último argumento apresentado é fundamental para compreensão do aparente crescimento dos alfabetos ilustrados ao longo da segunda metade do século XIX, que supunha o uso da imagem – em uma clara alusão ao método intuitivo – associada à palavra. Era preciso, pois, construir novos referenciais para o ensino da leitura, que supunha desvinculá-lo da ideia e das práticas da soletração.

Os dados da investigação foram todos coletados em jornais disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. São anúncios e notícias de livros, folhetos, novos métodos, jogos etc., cujos destinatários eram tanto professores quanto as famílias, como se verá adiante.

Há que se ressaltar que, além dos livros – *códex* –, outros artefatos eram utilizados para introdução das primeiras letras entre os aprendizes: cartas soltas, cartões, tabelas, lotos, quadros murais, folhetos¹. Há, para o período abordado, qual seja, o século XIX, diferentes nomenclaturas – imprecisas, por vezes – para nomear os artefatos impressos: *Methodo*, *Novo Methodo*, *Novo Expositor*, *Alphabeto*, *Alphabeto Illustrado*, *Cartas*, *Colleção de Cartas*, *Abecedario*, *Syllabario* etc.

Frade, em seus estudos (2010a; 2010b; 2016), mostra a variedade de artefatos produzidos e usados no Brasil nos séculos XIX e XX para ensino da leitura. A autora identifica, no século XIX, para o caso da Província de Minas Gerais, a circulação de tábuas, tabelas e cartas, bem como o uso de grandes páginas ou cartazes, “talvez uma grande página de um livro para todos” (FRADE, 2010a, p. 267) para o ensino da leitura. No estudo referido, a pesquisadora analisa, do ponto de vista do conteúdo e da materialidade, abecedários, cartas de ABC e silabários impressos.

Nesse sentido, identificar, pela documentação disponível, quando se trata de um livro ou de outros suportes que eram impressos com a finalidade de ensinar as primeiras letras, seja nas aulas e escolas públicas e privadas, seja no ensino doméstico, nem sempre é tarefa fácil. Contudo, isso é

¹ Ver Frade (2010).

importante na medida que, além de mapear os diferentes artefatos usados no Brasil do século XIX, pode-se ampliar a compreensão sobre o ensino da leitura e da escrita no período em questão e expandir os estudos correntes na historiografia brasileira que têm se dedicado, via de regra, à identificação e análise de autores e/ou cartilhas que foram amplamente utilizadas e socialmente reconhecidas, caracterizadas, de certa forma, como obras de “sucesso editorial”.

O ensino inicial da leitura e da escrita no Brasil, especialmente no século XIX – pela importância social, comercial, política, cultural que tais competências adquiriram no contexto brasileiro –, foi um processo de experiências plurais, com a atuação de diferentes sujeitos, com o uso de variados artefatos e que teve lugar em múltiplos espaços. Quanto mais avançarmos em estudos que identifiquem essa pluralidade, variação e diversidade, mais conheceremos como o país avançou nas taxas de alfabetização da população, bem como quais as estratégias de diferentes grupos sociais no acesso a essas competências e quais instituições e sujeitos estiveram envolvidos nesse ensino; enfim, conheceremos melhor uma faceta importante da história da educação brasileira.

Como destacado, havia, nos anúncios e matérias investigadas, uma variedade de artefatos para ensino da leitura em circulação, com destaque para os abecedários e/ou *alfabetos ilustrados*. Tal constatação é importante principalmente em razão de que há, por vezes, a ideia corrente de que materiais impressos eram incomuns, mais ainda se tratando de materiais ilustrados para o ensino da leitura no Brasil no século XIX. Na compreensão desse fenômeno se estabelece a relação da produção e circulação de materiais ilustrados com o ensino intuitivo, concepção que tomou largas proporções no período.

Antes, porém, da discussão específica sobre os *alfabetos ilustrados*, apresentar-se-á uma seção com dados que revelam a importância dos abecedários/alfabetos no contexto do Brasil do século XIX, especialmente em razão da crescente importância que o domínio da leitura foi adquirindo na sociedade brasileira, como se destacou.

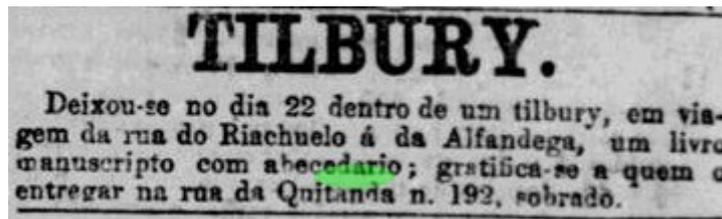
1. A importância dos abecedários no contexto do Brasil do século XIX

A circulação de abecedários e/ou alfabetos no Brasil no século XIX ainda é uma temática que necessita de exploração na pesquisa historiográfica. Não parece terem sido poucos os materiais desse tipo que por aqui circularam, fossem em formato de folheto, de quadro mural, fossem no de livro. Um primeiro esforço de investigação foi, portanto, identificar, desde o início do século, a circulação desses artefatos em diferentes províncias.

Nesse sentido, mesmo que de forma imprecisa e genérica, vale a referência a uma lista de livros vendidos anunciada no jornal *Idade d'Ouro*, da Bahia, de 1818: “Livros que se achão á venda na Loja da Gazeta em Santa Barbara: [...] Alfabeto (novo) devedido por syllabas, com os primeiros Elementos da Doutrina Christã, em 8º 640. [...] (Idade d'Ouro, 1818, s/p). Em 1827, no *Diário de Pernambuco*, também foram divulgados livros que estavam à venda na Loja n. 34, da Praça da União. Entre eles, estava um *Alfabeto Portuguez* (Diário do Pernambuco, 1827, p. 5). Em 1830, o *Novo Alfabeto Portuguez* foi divulgado à venda no Rio de Janeiro, na Rua dos Ourives, n. 86 (Diário do Rio de Janeiro, 1830, p. 1).

Os três exemplos são suficientes para reforçar que, desde o início do século XIX, esses artefatos circularam em diferentes províncias. Entretanto, tão importante quanto essa constatação é aquela que revela a importância desses materiais. Ao que tudo indica, os abecedários tiveram, no século XIX, centralidade no ensino da leitura no Brasil. Sua importância está expressa, por exemplo, no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 1869; foi publicado o seguinte aviso, referindo-se a um abecedário manuscrito:

Imagem 1



Fonte: Jornal do Commercio, 1869, p. 4.

Em viagem na pequena carruagem, alguém esqueceu, entre a Rua Riachuelo e a Rua da Alfândega, um abecedário manuscrito, em formato de livro. Tal era a importância do artefato que foi necessário um anúncio no jornal procurando-o e gratificando quem o devolvesse. Seria um abecedário escolar? Seria de um professor ou professora? De alguma família? De alguém que ensinava nas casas? Quem teria feito? Havia desenhos ou apenas letras e as “cartas de sílabas”? Embora haja muitas questões e curiosidades acerca desse artefato, as respostas não são possíveis. Todavia, o dado demonstra e ajuda a compreender a importância dos abecedários – fossem manuscritos ou impressos – no contexto oitocentista brasileiro.

Outro aspecto curioso que vale a referência é uma nota na seção *Perdas*, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, de 1823: “Perdeu-se no dia segunda feira 9 do corrente duas notas do Banco, huma de 8U000 e outra de 4U000, estando embrulhadas em hum pano que encluem diversas letras do Alfabeto feitas de retroz”. Seria apenas um bordado aleatório feito por alguém? Um artefato para ensino doméstico das letras? Algum material de uma professora? Igualmente não há como saber. Entretanto, a referência é importante para pensar na cultura do alfabeto presente em âmbito social e nos suportes em que os alfabetos circulavam socialmente, nesse caso em pano e feito de retrós.

Nessa mesma linha de raciocínio, outro anúncio revela igualmente a importância do artefato e sua circulação. Trata-se de um pequeno aviso em que era anunciada a distribuição gratuita de um *Abecedario Infantil*, “engenhoso e útil”, pois permitiria “às classes menos abastadas um instrumento d’ensino”:

Imagem 2

Aos Srs Gonçalves Junior & C.— o sea *Abecedario Infantil*, que gratuitamente distribuem. E’ um annuncio engenhoso e mais que tudo util, pois que proporciona ás classes menos abastadas um instrumento d’ensino.

Fonte: O Mosquito, 1874, p. 2.

Como se vê, não apenas a venda desses artefatos os fazia circular nas províncias. O caso dos Srs. Gonçalves Junior & Cia – possivelmente alguma casa comercial ou industrial – revela que os abecedários eram também distribuídos gratuitamente. Como se trata já da segunda metade do século XIX, pode-se levantar várias hipóteses para a distribuição gratuita desse material: desde o crescimento da necessidade comercial e industrial do domínio da leitura e da escrita entre determinadas parcelas da população até o barateamento do papel, por exemplo².

² No processo de pesquisa localizou-se, para as primeiras décadas do século XX, outras casas comerciais e industriais que distribuíam abecedários gratuitamente. Pelo recorte temporal aqui estabelecido esses dados não são aqui apresentados.

Souza (2022 p. 6) caracteriza o abecedário como o “impresso de iniciação à leitura e à escrita em que a posição do alfabeto, nas páginas iniciais, implica que o mesmo representava o primeiro e mais fundamental aprendizado para a leitura”.

Hébrard (2002, p. 12) também distingue o abecedário como o “livro escolar do iniciante e, frequentemente, o único livro que ele possui. É verdade que ele oferece em um mesmo conjunto os instrumentos da primeira alfabetização e os textos essenciais da liturgia católica”. Segundo o autor, tratava-se de um material impresso em uma folha, uma folha e meia ou três folhas. Pode-se considerar, também, como afirmou Choppin (2009), que um abecedário era, desde o século XVI, um pequeno livro impresso.

Stephanou e Souza (2016, p. 301) observam que “[...] os abecedários têm uma longa história, remontam mesmo à invenção dos sistemas de escrita e das convenções elaboradas para sustentá-las.” As autoras estabelecem, ainda, baseadas em estudos de autores franceses, a relação entre os abecedários e o uso das letras capitulares nos manuscritos da Idade Média. Segundo elas, “[...] uma espécie de reunião dessas belas letras esboçava a emergência do abecedário como conjunto de letras do alfabeto.” (STEPHANOU; SOUZA, 2016, p. 301). Relembrando as inscrições do ABC em tapeçarias da Idade Média e as genealogias bordadas das linhagens familiares, as supracitadas autoras enfatizam “[...] os usos sociais e culturais, antes mesmo da adoção escolar dos abecedários como artefatos ligados aos métodos de ensino da leitura e da escrita.” (STEPHANOU; SOUZA, 2016, p. 301).

No que tange aos usos dos abecedários como método de aprendizagem para o contexto francês, os registros remontam ao século XV, e sua difusão se alarga consideravelmente no século XVIII em diferentes partes do mundo Ocidental³. Vojniak (2014, p. 29) chama a atenção para o fato de que:

Nas primeiras décadas do século XIX [...] a pessoa que se encarregasse da tarefa do ensino da leitura e da escrita, se tivesse condições de não limitar-se a confeccionar de forma manuscrita seus próprios recursos didáticos, além das incipientes cartilhas, poderia dispor de certa variedade de impressos como, por exemplo, as cartas de alfabetos, que eram folhetos organizados, na maioria dos casos, com diversas formas de letras estampadas – capitais, minúsculas, de fôrma (redonda) e cursivas – e frequentemente vinham acompanhadas de algumas apresentações de combinações de sílabas e palavras aparentemente simples ou nomes de pessoas; esse tipo de material apelava mais para o visual do que para o discursivo (textos morais, ideológicos ou informativos) e era impresso em poucas páginas, geralmente “in fólio”; os exemplos de nomenclatura destes materiais são as “Cartas de ABC”, as “Cartas de Nome”, os “Silabários”, os “Murais” e os “Abecedários”.

Os dados da pesquisa realizada nos diferentes jornais de diversas províncias indicam que abecedário era referido, no século XIX, no Brasil, como aprender/fazer as letras (fazer/copiar o alfabeto) ou como os artefatos para aprender a ler (contendo letras, sílabas e/ou palavras), em formato de folhetos, quadros murais ou *códex* (livro). Trata-se, pois, da ideia do abecedário como alfabeto, ou seja, o “conjunto de caracteres que compõe um sistema de escrita” e como “impresso cujo objetivo é proceder à didatização de cada uma e todas as letras do alfabeto com vistas ao ensino e aprendizado da leitura e da escrita” (SOUZA, 2015, p. 13).

Para o caso dos folhetos, entre os dados localizados, reproduz-se aqui um pedido de compra do Arsenal de Guerra do Recife – que recebia meninos para educação e instrução, entre elas o ensino da leitura e da escrita -, em 1846:

³ Ver, também, Hebrard (2002); Chopin (2009); Correa e Silva (2008); Frade (2010a); Souza (2015); Stephanou e Souza (2013; 2016); Souza (2022).

Declarações

O arsenal de guerra compra duas resmas de papel de peso, 2 ditas de dito meia hollanda, 600 penas, 8 garrafas de tinta preta, 12 duzias de lapis, **50 folhetos de abecedario**, e 20 taboas de numeração: quem taes generos tiver para vender, mande a directoria do arsenal de guerra as suas amostras e proposta, em carta fechada, até o dia 24 (hoje) do andante mez.

Direcoria do arsenal de guerra, 22 de janeiro de 1846.

O escripturario

Francisco Serafico de Assis Carvalho. (Diário do Pernambuco, 1846, p. 3. Grifo meu).

Veja-se que um variado conjunto de instrumentos de escrita, além dos folhetos de abecedário e tábuas de numeração, foram solicitados à compra. Isso revela que havia um mercado – vendedores e compradores, como o Arsenal de Guerra, por exemplo – para tais artefatos. Nota-se, também, que a quantidade não era pequena, dando indícios de uma ampla utilização desses instrumentos e suportes. No caso dos folhetos de abecedário, foram 50. Corresponderia ao número de meninos para aprender a ler naquele ano ou seria para fazer estoque do artefato? O uso seria individual ou por grupos? Perguntas sem respostas possíveis pelos dados da pesquisa. Entretanto, o dado é válido para o argumento da circulação e dos suportes desse artefato – abecedário, aqui em específico em formato de folhetos.

Há indícios também dos locais de impressão desses materiais, mais propriamente um caso de um órgão da esfera pública em que abecedários foram impressos. Trata-se do Mappa dos trabalhos feitos na Lithographia do Archivo Militar entre 1848 e 1849. Nele, consta, na coluna de gravuras, em 1849, o que segue: 1 dita do Abecedario do Expositor Portuguez; na coluna Impressão de transporte, consta a impressão de 1281 estampas do Expositor Portuguez:

Imagem 3

N.º 5 — Mappa dos trabalhos feitos na Lithographia do Archivo Militar, no decurso dos annos de 1848, e nos dez mezes de Janeiro a Outubro de 1849.

ANNOS.	GRAVURAS.	Impressão das Matrices.	Impressões de Transportes.	Impressões Autographicas.	COLORIDOS.		Desenhos coloridos.	OBSERVAÇÕES.
					Na impressão.	Depois de impresso.		
1848.	4 Estampas de Geometria das Artes e Officinas.....	2.401 Exemplos.	376 Exemplos dos Aficinos do Arsenal de Guerra.	355 Circulares para o Archivo.	50 Estampas de Geologia.	36 Figurinos de uniformes para o Exercito.	Tirarão-se exemplares das matrices de Artes e Officinas de n.º 10 a 15. Com quanto neste anno só se gravou as estampas de 12 a 15, e 2 circulares retocadas por imperfeitas.	
	1 Dita de Astronomia para these.....	200 Ditos.						
	6 Ditas de Metallurgia.....	2.200 Ditos.						
	2 Ditas de Geometria descriptiva para these.....	200 Ditos.						
	1 Dita de hum prensa Hydraulica.....	600 Ditos.						
	4 Ditas de Optica para these.....	100 Ditos.						
	1 Dita de Astronomia para these.....	100 Ditos.						
	2 Ditas de dois ensaios topographicos.....	100 Ditos.						
	1 Dita das relações semestres do 1.º Regimento de Cavallaria.....	970 Ditos.						
	1 Dita de Geologia.....	1.588 Ditos.						
	2 Ditas de Montanhismo.....	1.370 Ditos.						
	1 Dita de capas para as relações semestres de Cavallaria.....	200 Ditos.						
	1 Dita de Machinas de vapor.....	772 Ditos.						
	1 Dita de bordados para farolas.....	32 Ditos.						
1 Dita da Memoria de Geometria do Exm. Bispo de Charysopolis.....	200 Ditos.							
1 Dita de Geometria pratica do Coronel Bellegerie.....	200 Ditos.							
Em Matrices anteriormente gravadas.....	701 Ditos do I. C. de Engenheiros. 276 Ditos do ponto do Ars. de Guer. 701 Ditos do mappa dos Africanos.							
	Somma.....	14.723	376	355	50	36		
1849.	5 Estampas de conchas e vegetaes fossis.....	1.412 Exemplos.	62 Exemplos das capas para o Regulamento da Escola Militar. 40 Ditos para o 1.º Batalhão de Artilharia a pé. 300 Ditos de bilhetes de rifa. 457 Guitas da Pagadoria das Tropas. 1.281 Estampas do Expositor Portuguez. 2.704 Ditos dos pontos dos Africanos do Arsenal de Guerra.	40 Circulares da Secretaria da Guerra. 131 Ditos do I. C. de Engenheiros. 2.274 Paginas dos Estatutos da Escola Militar. 50 Exemplos de hum ensaio. 50 Ditos offerecidos a S. M. I. 358 Circulares do Dr. J. J. da Rocha. 50 Ditos de J. da C. Baranção.	47 Cartões de visita. 133 Estampas de Geologia.	22 Figurinos de uniformes para o Exercito. 1 Quadro de bandeiras. 1 Dito por acabar.		
	2 Ditas de Geometria do Coronel Bellegerie.....	1.000 Ditos.						
	2 Ditas de dois pequenos Retulos para Larec.....	200 Ditos.						
	1 Dita da carta do Maranhão.....	200 Ditos.						
	1 Dita da 1.ª Bis.....	200 Ditos.						
	1 Dita de Machinas de vapor.....	25 Ditos.						
	1 Dita do ponto da Lithographia.....	80 Ditos.						
	1 Dita da capa para a dissertação do Capitão Salles.....	80 Ditos.						
	1 Dita de Armas.....	600 Ditos.						
	1 Dita de ensaio de letras de fantasia.....	600 Ditos.						
	1 Dita de Machinas da Sociedade Amalutadora.....	600 Ditos.						
	1 Dita do abecedario do Expositor Portuguez.....	600 Ditos.						
	1 Dita do supplemento das informações do I. C. de Engenheiros.....	1.050 Ditos.						
	1 Dita das relações semestres do 1.º Batalhão d'Artilharia a pé.....	100 Ditos.						
1 Dita de cartas de conville.....	600 Ditos.							
1 Dita de Mapas dos africanos.....	60 Ditos.							
1 Dita de recibos.....	567 Ditos.							
1 Dita de Geometria descriptiva.....	1.225 Ditos.							
1 Dita de facturas da Fabrica de oleos vegetaes.....	200 Ditos.							
Diversos cartões de visita.....	270 Ditos. 550 Ditos. 1.190 Ditos.							
	Somma.....	11.214	4.904	4.463	47	133	24	

Secretaria d'Estado em 20 de Dezembro de 1849. — Libanio Augusto da Cunha Mattos.

Fonte: Relatório da Repartição dos Negócios da Guerra, 1850, s/p.

Esse número expressivo de estampas do Expositor Portuguez está discriminado, portanto, no relatório da Repartição dos Negócios da Guerra, assinado pelo então Ministro e Secretário de Estado, Manoel Felizardo de Souza e Mello. Como se vê, não foram poucas as estampas impressas em 1849. Questiona-se os valores dessa impressão, a distribuição desses artefatos (Para quem? Onde? Quando?) e seus usos (Por quem? Como?). Novamente são questões de respostas inviáveis pelos dados disponíveis. Eles são importantes, contudo, quando se quer identificar a produção, em específico a impressão – pelo poder público, nesse caso a Lithographia do Archivo Militar – desses materiais. Aqui, por fim, a técnica de impressão pode ser também especulada: provavelmente eram estampas litográficas impressas a partir de um modelo matriz (Quem fazia? Como faziam?).

Outro dado possível de apresentar são os abecedários cujas autorias são explícitas: “Livros que se achão a vender na Livraria Garnier na rua do Ouvidor, n. 69. [...] Livros para collegios. [...] Alfabeto portuguez, ou novo methodo para aprender a lêr com muita facilidade e em muito pouco tempo, por **J. I. Roquete**, 1 vol.” (Diário do Rio de Janeiro, 1854, p. 2, grifo meu).

Ainda sobre autorias, no *Diário do Pernambuco*, de 1874, se lê:

Governo da Província

Expediente de 4 de maio de 1874

Ofício Ao Director geral da Instrucção Publica

Em vista da informação de Vmc. De 28 de abril próximo passado, sob n. 136, a que acompanhou copia do parecer do conselho diretor da instrucção publica, aprovo, para que possam ser admitidos nas escolas publicas de instrucção primaria da província, a obra intitulada ‘Cathecismo Constitucional’ por Demphilo e o folheto impresso que se inscreve ‘**Novo abecedario ou methodo facilimo de leitura e escripta**’, por **Cícero Peregrino**, e o manuscrito ‘Primeiro livro de leitura ou carta de ABC, apresentado pelo edictor João Walfredo de Medeiros. (Diário do Pernambuco, 1874, p. 2. Grifos meus).

O ofício reproduzido no jornal e aqui apresentado é interessante na medida que indica os materiais que foram aprovados – impressos e manuscritos, catecismo, folheto de abecedário e Cartas de ABC – para uso nas escolas públicas da província de Pernambuco. No caso específico do abecedário, a autoria pode ser atribuída ao professor pernambucano Cícero Peregrino da Silva⁴, mas tal dado carece de maiores investigações.

Ainda no *Diário do Pernambuco*, agora de 1890, a autoria de um alfabeto ilustrado é identificada: “*Alphabeto Illustrado* - Pelo padre **Augusto A. Soares de Rusewetter**. Este alfabeto a criança aprende brincando, e por isso é o melhor presente que se lhe pôde fazer. Á venda nas livrarias desta cidade”. (Diário do Pernambuco, 1890, p. 7. Grifo meu). Vê-se que a referência ao aprender brincando – aspecto que será adiante abordado, com outros exemplos – aparece no anúncio.

Um abecedário com ampla divulgação nos periódicos pesquisados é o de Francisco de Paula Mascarenhas, que levava seu nome: *Abecedario Mascarenhas*. Em um aviso, publicado no *Monitor Campista*, de Campos/RJ, em 1879, é o próprio Mascarenhas quem se propõe a vender seu método e ensinar aos interessados:

4 Cícero Peregrino da Silva era pai de Manuel Cícero Peregrino da Silva, que, segundo o *site* da Biblioteca Nacional, nasceu em Recife em 1866 e era escritor, advogado e bibliógrafo. Entre outros cargos, Manuel foi diretor da BN entre 1900 e 1924. Passou à história como o diretor que viabilizou a construção do atual prédio da Biblioteca. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/manuelCicero.html>

O abaixo assinado vende os seus methodos e explica-os em quanto demorar-se nesta cidade os 15 ou 20 dias que pretende.

Com uma só explicação de 114 horas qualquer um que não conheça uma só letra ficará lendo sozinho todo o abecedario.

Póde ser procurado no Hotel Jannes onde tem uma sala particular para as explicações.

Francisco de P. Mascarenhas (Monitor Campista, 1879, p. 4).

Em 1881, o jornal *Cearense*, editado em Fortaleza, expôs uma matéria na qual descreve aspectos do *Abecedario Mascarenhas*⁵. Inicialmente é destacado que o *Abecedario* é “destinado a prestar um grande serviço á infancia, concorrendo para tornar rápido um ensino que sem esse recurso é difícil e demorado” (Cearense, 1881, p. 2). Na sequência, a matéria enfatiza que:

O novo methodo consta de três partes, mas a que nos parece mais importante pela novidade e pelos resultados que facilita, é a primeira, que se compõe de um quadro, contendo 25 chromo litografias de excellente efeito e de nítido trabalho.

Representam desenhos dos objetos os mais conhecidos das crianças e cada um deles encerra uma lição imprimindo o espírito dos meninos o nome do objecto que elles conhecem pronunciando o modo a deixar lhes gravada na memoria a primeira letra de cada um, e estas reunidas formam o alfabeto que eles aprendem com rapidez passando depois a ligar syllabas e a compôr palavras por um processo igualmente fácil e de rápida intuição.

Para isto contém o methodo outros desenhos e impressos com maximas e sentenças que facilitam e tornam agradaveis os exercicios. (Cearense, 1881, p. 2).

Como se lê, além do destaque aos desenhos, “objectos os mais conhecidos das crianças” e agradáveis, há referência da relação entre imagem, letra e palavra (que ficaria “gravada na memoria”) e à litografia como técnica de impressão das ilustrações, como tendo produzido, na obra, “excellente efeito” e nitidez, indicando que tal aspecto era observado entre o professorado ou as famílias que adquiriam tais materiais. Em relação a isso, destaca-se que, no final da matéria, embora ela não seja assinada, entende-se que foi escrita por um professor – afirmando que o novo método seria de grande valia “para nós, professores” – que recomenda, então, sua adoção nas escolas. Um último destaque à matéria do professor é quanto ao caráter rápido, fácil e intuitivo do método proposto no *Abecedario Mascarenhas*.

Quanto aos ilustradores desses artefatos, em um anúncio de agradecimento pelo recebimento do *Alphabeto ilustrado dos animais*, da editora Garnier, o jornal *O Paiz*, em 1897, divulgou alguns nomes, muito embora não seja possível identificar com precisão de quem se tratava:

Do conhecido editor H. Garnier recebemos um volume do *Alphabeto ilustrado dos animais*, contendo esplendidos desenhos de Travies, Jobin, Klein e outros.

É um bello trabalho que não temos duvida em recomendar aos diretores de estabelecimentos de instrucção primária. (O Paiz, 1897, p. 3).

A divulgação feita em *O Paiz* serve para refletir os aspectos envolvidos na produção dos alfabetos ilustrados: ele supunha texto e imagem, em um momento – século XIX, como no caso deste estudo – em que as técnicas e o parque de impressão estavam ainda em processo de desenvolvimento no Brasil. Supunha também, por suposto, idealizadores e/ou adaptadores (das palavras/textos), ilustradores,

5 Nessa matéria, o abecedário e o nome do autor estão grafados Mascaranhas. Pela recorrência manteve-se, contudo, Mascarenhas.

editores, impressores, distribuidores, compradores, usuários, em um amplo “circuito das comunicações” (DARNTON, 1990, p. 113).

Na sequência, o objetivo é apresentar dados e discutir justamente a circulação desse tipo específico de artefato para o ensino dos rudimentos da leitura: os *Alphabetos Illustrados*, que eram abecedários com letras e/ou palavras associadas às imagens.

2. Circulação de *Alphabetos Illustrados* no Brasil no século XIX

Em 1879, o jornal *Correio Paulistano*, de São Paulo, publicou uma extensa matéria em uma seção denominada *Instrução Popular* com o título: *Thesouro da família ou Encyclopedia de conhecimentos uteis na vida prática. Educação*. Nela, além da crítica ao “methodo vulgar”, há uma defesa da escolha “mais graciosa possível” do abecedário para o ensino da leitura às crianças. Embora os excertos sejam longos, vale a reprodução:

[...] Antes de começar as lições e mostrar as letras ás creanças, convém desafiar-lhes a curiosidade contando-lhes historias e mostrando-lhes livros com figuras, em os qua- ellas poderão lêr as mesmas historias.

Buscando fazer nascer esse desejo no espirito das creanças, evitam-se-lhes muitas lagrimas e ao mestre muitos desgostos e contrariedades.

[...] O methodo vulgar consiste, como é sabido, nas enfadonha repetição das letras, das syllabas e das palavras contidas no abecedario, até que a memoria fique sobre-carregada com isso.

Tem-se procurado tornar esse trabalho mais atraente por meio de cartas representando objectos em cujo meio se acham gravadas as letras e por meio de letras de madeira, marfim, etc., etc. Ainda assim, porém, o trabalho é massante para as creanças.

No caso de usar-se do - abecedario – cumpre escolhel-o o mais gracioso possível e ornado de gravuras, afim de que a creança ache prazer em vel-o.

A gravura correspondentemente á cada letra deve tornar mais sensível o som e o valor da letra pelo nome do objeto representado. Assim, pois, um dado póde representar a letra D; a arcada de uma ponte póde formar o O como seu reflexo na agua; e assim por diante. [...] (Correio Paulistano, 1879, p. 4).

Contar histórias para a aguçar a curiosidade das crianças, mostrar livros com figuras para que as próprias crianças pudessem ler, evitar as enfadonhas repetições do “methodo vulgar”, bem como tornar o ensino atraente estavam associadas à escolha de um “gracioso e ornado” abecedário, cuja gravura tornaria “mais sensível” o som e o valor da letra, em uma clara alusão à relação letra/palavra e imagem. Os abecedários ilustrados seriam, assim, a possibilidade de um ensino mais significativo (D de dado; O representado na água com a arcada etc).

Frade (2010a, p. 274), comparando e discutindo materiais produzidos na França, identifica e caracteriza os abecedários ilustrados como:

[...] livros de imagens que pretendem provocar nas crianças pequenas o gosto por aprender a ler. Apesar de aparecerem numa sequência de A a Z, esses abecedários podem ser consultados em qualquer ordem, de forma não linear, como um livro de imagem, e a criança pode deter-se numa letra ou em uma ilustração com a ajuda de um adulto e demandar o que está escrito.

A mesma autora exemplifica com o caso do *Syllabario Portuguez ou novo método para aprender a ler em breve tempo a língua portuguesa e o sistema métrico ilustrado com numerosas estampas*, de J. R. Galvão, que apresenta, “em suas primeiras páginas, um alfabeto e depois um alfabeto ilustrado, composto, com exceção de dois temas, de descrição de animais” (FRADE, 2010a, p. 277).

Galvão aparece citado em uma extensa lista de livros vendidos no Ceará, em 1866. Não apenas ele, o anúncio revela uma quantidade significativa de livros disponíveis na *Livraria e Papellaria de Joaquim José de Oliveira*. Entre eles estava:

Cartas de ABC, de syllabas e de nomes – Syllabario Portuguez – Methodo Facilimo – Expositor Portuguez – Cartilha Nova ou Alphabeto Portuguez: primeiro livro de leitura para infancia, **por Galvão** – Escola fundamental, ou methodo facil para aprender a ler, escrever e contar – [...] Methodo *fácil para aprender a ler em 16* lições **ilustrado com numerosas estampas** – [...] O amigo dos Meninos contendo um abecedario de leitura e numeração, primeiros exercícos de leitura e um pequeno catecismo da doutrina christã, por **A. Forjaz**. (A Constituição, 1866, p. 4. Grifos meus).

Livros de Geografia, História, Moral, Aritmética, contos, leituras, enciclopédias, entre outros – em uma longa lista, como se destacou – estavam à venda na *Livraria e Papellaria de Joaquim José de Oliveira*. Para o que aqui interessa mais especificamente, vale chamar a atenção para a diversidade de materiais para o ensino inicial da leitura em circulação no Ceará, com diferentes conteúdos e formatos. Com o último exemplo reproduzido, pode-se destacar, também, que um abecedário/alfabeto poderia ter variações: apenas a reprodução de palavras e imagens de todas as letras do alfabeto, palavras e imagens mais sentenças e/ou pequenos textos, e, como no caso mencionado, numeração, exercícos, catecismo, doutrina cristã, princípios morais, civilidade, ou seja, nesse caso, o abecedário era parte de um livro; em outros casos, era o próprio livro.

Entretanto, aqui interessa apresentar os alfabetos ilustrados. É mister referir que, na divulgação de materiais de leitura, seja para o ensino dos rudimentos do ler, seja para leitores correntes, de um modo geral, voltados à infância brasileira, era destacada a presença da ilustração, como se pode ler no anúncio de 1854, do jornal *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro:

Imagem 4

**O LIVRO PREDILECTO
DA INFANCIA DE AMBOS OS SEXOS.**

ou o novo thesouro de imagens, instructivo e recreativo, precedido de primeiras lições para se aprender a ler e contar, e seguido de lindos contos, maximas e pensamentos moraes, instrucções de civilidade e doutrina christã, AORNADO DE 13 QUADROS RICAMENTE COLORIDOS, representando 61 lindissimos objectos diversos, 1 vol. em 4º grande, cartonado 2\$000
Encadernado. 2\$500

E' incontestavel que as crianças se applicão com muito mais gosto e vontade aos primeiros elementos do ensino, dando-se-lhes um livro com bonitas estampas para esse fim. Por isso os livros deste genero abundão em França, Inglaterra e Allemanha, o quo induziu os editores a publicarem o presente livro, que em pouco tempo se tornará na realidade o — livro predilecto da infancia.

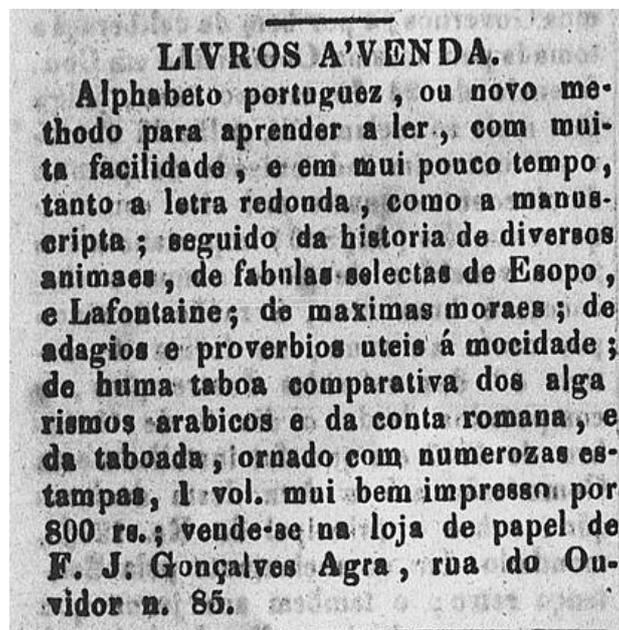
Fonte: Correio Mercantil, 1854, p. 2.

Como se lê no anúncio, tais artefatos abundavam na França, Inglaterra e Alemanha, uma das razões que fez com que os editores apostassem na sua publicação. Além disso, tratava-se de um “tesouro de imagens”, sendo ao mesmo tempo instrutivo e recreativo. Mais do que isso, além de permitir o aprendizado do ler e contar, continha máximas morais, de civilidade e doutrina cristã. O livro era vendido em dois formatos: cartonado e encadernado, com valores diferentes. Pelo anúncio, em pouco tempo se tornaria o “livro predilecto da infancia”.

Ainda dos dados específicos sobre alfabetos ilustrados, destaca-se que, em 1837, o *Diário do Rio de Janeiro* anunciou a venda do *Alphabeto Portuguez*, “ornado de numerosas estampas”, em “rica edição” e bom papel, chegado proximamente de Paris” (*Diário do Rio de Janeiro*, 1837a, p. 1), revelando, além das ilustrações, a procedência do *Alphabeto* ou o possível lugar de impressão do artefato.

Mais especificamente, o *Alphabeto Portuguez* é anunciado no mesmo jornal, também em 1837, com detalhes de seu formato e conteúdo:

Imagem 5

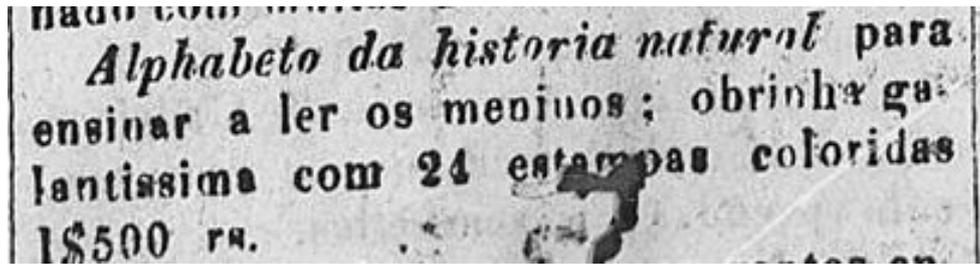


Fonte: *Diário do Rio de Janeiro*, 1837b, p. 2.

F.J. Gonçalves Agra, na Rua do Ouvidor, n. 85, no Rio de Janeiro, anunciou, em diferentes dias, a venda do *Alphabeto Portuguez, ou novo methodo para aprender a ler*. Além de destacar a boa impressão e o ornamento com numerosas estampas, enfatiza aquilo que era recorrente nos anúncios desses artefatos: facilidade e rapidez no aprendizado. Ademais, lê-se as características desse livro: o tipo de letra possível de aprender a ler, as histórias, fábulas, máximas morais e números nele contidos.

Também no Ceará, o *Alphabeto Portuguez* circulou, segundo o jornal *Pedro II*, de 1863, que anunciou que havia chegado pelo vapor *Cruzeiro do Sul* à Fortaleza várias obras literárias e pedagógicas. Entre elas estava a “Cartilha Nova, ou Alphabeto Portuguez e primeiro livro de leitura para a infancia, illustrada com numerosas estampas 400rs”. (*Pedro II*, 1863, p. 4).

Em se tratando de alfabetos com estampas, em 1837, o *Diário do Rio de Janeiro* publicou nota de uma “obra galantíssima”:



Fonte: Diário do Rio de Janeiro, 1837 c, p. 2

No caso do dado reproduzido acima, tratava-se de um alfabeto de história natural com estampas coloridas, como se pode identificar, caracterizada como uma “obrinha galantíssima”.

Os temas poderiam variar na produção dos abecedários/alfabetos, mas os de história natural em geral e de animais em específico aparentam ser os mais comuns. Souza (2015; 2022), em seus estudos, também concluiu que “ilustrações de animais prevaleceram nesses impressos e sua presença foi tão proeminente que mesmo naqueles em que havia uma ampla gama de imagens sem um tema determinado, os animais estavam ali representados” (SOUZA, 2022, p. 27).

Dois exemplos que mostram a recorrência da temática dos animais: um, publicado no *Publicador Maranhense*, 1866; outro, no *Jornal do Recife*, em 1897:

Vende-se na Livraria de A. P. Ramos d’Almeida – Largo do Palacio, n. 20 – as seguintes obras vindas do Rio de Janeiro

[...] Novo Alphabeto Pitoresco para aprender a ler tanto a letra redonda como a manuscrita, ornado para fácil compreensão das crianças, com grande copia de animaes, aves, peixes, flores, frutas, e muitos outros objetos superiormente coloridos. (Publicador Maranhense, 1866, p. 4).

Um livro utilíssimo – A livraria Contemporanea, dos Srs. Ramiro M. Costa & C^a., á rua Primeiro de Março, n. 2, acaba de receber um excelente livro editado por H. Garnier, do Rio de Janeiro, e que tem exposto á venda.

Referimo-nos ao *Alphabeto Illustrado das Aves*, de uma grande utilidade para as crianças que começam a aprender a ler, pois, repleto de desenhos coloridos de diversas aves, attrae a attenção dos infantis estudantes, despertando-lhes assim o gosto pela leitura, ao mesmo tempo que vão conhecendo eles a descripção de muitos pássaros.

Recommendamos aos chefes de famílias o *Alphabeto Illustrado das Aves* e agradecemos aos Srs. Ramiro M. Costa & C^a. O exemplar com que nos mimosearam. (Jornal do Recife, 1897, p. 2).

Novo *Alphabeto Pitoresco* e *Alphabeto Illustrado das Aves* são, então, dois exemplos da recorrência da temática dos animais nos abecedários. No caso do último, chama a atenção os destinatários do *Alphabeto Illustrado das Aves*: os chefes de famílias, revelando que se tratava de um artefato em circulação no espaço doméstico.

Um *Alphabeto Pitoresco* ilustrado foi divulgado no anúncio intitulado *Bibliotheca Infantil*, no *Diário do Maranhão*, de 1879, cuja primeira obra era para o aprendizado da leitura, “com copia d’objetos superiormente coloridos”:

Imagem 7

Bibliotheca Infantil.

ALPHABETO PITTORESCO para aprender a ler tanto a letra redonda como a manuscrita, ornado para facil comprehensão das crianças, com grande copia d'objectos superiormente coloridos.

JOÃO FELPUDO ou historias alegres para crianças travessas, com ricas pinturas esquisitas.

BERTO DO MANHOZO, PEDRINHO ESTUDIOSO, DANIEL ESCORREGA E LULU MENTIROZO - Historias instructivas e muito divertidas, com pinturas lindamente coloridas.

MENINO VERDE divertimento das crianças mimozas e para escarnimento de meninos diabretes.

CARTILHA MATERNAL ou arte de leitura por João de Deus.

CARTILHA INFANTIL 1.ª e 2.ª parte exercicios graduados à leitura corrente, por Simão Lopes.

O ALFORGE DO CONTADOR escolha de contos, parabolos e historiasinhas para os meninos d'ambos os sexos.

Alem destas obras achão-se muitas outras para meninos e meninas, á venda na

Livraria Universal
DE
Antonio Pereira Ramos d'Almeida & C.
Rua da Palma.

Fonte: Diário do Maranhão, 1879, s/p.

Os exemplos reproduzidos – de 1837 a 1897 - são suficientes para o propósito primeiro do presente trabalho: indicar a existência desses artefatos em circulação no Brasil. Adiante serão apresentados alguns aspectos acerca do discurso de “aprender a ler brincando”, como no exemplo a seguir:

Imagem 8

PARA FESTAS
JOGOS E BRINQUEDOS
PARA
CRIANÇAS
O NASCIMENTO DE CHRISTO
lindo trabalho em cartão para armar um primoroso presepe completo em uma caixinha com explicações em portuguez. Preço..... 10\$20

ANNIVERSARIO DE MARIQUINHAS
divertido jogo de recortar figuras para recreio de crianças, 1 estojo..... 3\$00

A PRIMEIRA LIÇÃO DE COSINHA
bonito jogo de recortar figuras para recreio, 1 estojo..... 3\$00

100 figuras de animaes
para recortar o collar, jogo muito divertido e instructivo, 1 estojo..... 5\$00

O JOGO DOS NOVE
com abecario para aprender a conhecer as letras, 1 linda caixa..... 10\$00

DOMINO ILLUSTRADO
e humoristico, 1 estojo..... 2\$00

Loto maravilhoso
methodo pittoresco para aprender a ler, brincando, 1 linda caixinha de madeira..... 3\$20

Muitos outros jogos para instrução e recreio das crianças.
Acham-se á venda na

Livraria Laemmert
66 RUA DO OUIDOR 66

Fonte: A Notícia, 1895, p. 2.

Volta-se a atenção à chamada principal do anúncio: *Para Festas. Jogos e brinquedos para crianças*. Não há menção ao espaço escolar, muito embora os muitos jogos disponíveis à venda na *Livraria Laemmert*, na Rua do Ouvidor, n. 66, no Rio de Janeiro, são anunciados como sendo para “instrucção e recreio das crianças”. Os consumidores desses jogos seriam famílias que instruíam seus filhos na leitura em casa? Muito provavelmente sim. Entretanto, o que se quer destacar é a ideia corrente em alguns meios sociais no século XIX do “aprender a ler brincando”.

Conjuntamente com “aprender brincando”, na perspectiva da “instrucção e recreio das crianças”, defendia-se, nos anúncios de jogos e outros materiais, que era possível aprender a ler sem soletrar. É o caso de o *Loto Maravilhoso*, anunciado à venda na Livraria Laemmert, na Rua do Commercio, 25, em São Paulo, em 1895:

Imagem 9



Fonte: O Commercio de São Paulo, 1895, p. 3.

Para além da descrição do material, que denota a qualidade, quantidade e a complexidade do jogo (compêndio, cartões ilustrados, letras em madeira, caixinha de madeira) e a existência de artefatos dirigido às famílias - muito embora provavelmente esse material pudesse ser adquirido apenas por uma parcela da população -, ele indica também duas grandes tendências do ensino da leitura nos finais do século XIX e início do século XX: o debate pelo fim da soletração e o ensino intuitivo.

Sobre o ensino intuitivo, pode-se afirmar que, desde a segunda metade do século XIX, ele era recomendado, no discurso educacional brasileiro, como o mais adequado para a instrucção da população. Preconizava-se a conveniência da educação baseada no ensino pelos sentidos. Segundo Valdemarin (2004), o método pode ser sintetizado em dois termos: observar e trabalhar. Para a autora, “observar significa progredir da percepção para a idéia, do concreto para o abstrato, dos sentidos para a inteligência, dos dados para o julgamento” (VALDEMARIN, 2004, p. 69).

Desde a primeira metade do século XIX já se divulgavam materiais nos quais não era necessário “o estudo das syllabas isoladas”, como, por exemplo, no caso a seguir: “Cartas para aprender a ler – nas quaes se mostra que não é necessário o estudo das syllabas isoladas dos nomes como se ensina pelas antigas cartas. Brox 80 réis” (Diário Novo, 1848, p. 3).

Mais um exemplo, ainda da primeira metade do século XIX, da crítica que circulava no Brasil sobre o uso da soletração no ensino da leitura é parcialmente aqui mencionado: em longa matéria sobre o adiantamento da instrucção “às classes inferiores” nos Estados Unidos, o jornal *Aurora Fluminense*, de 1831, traz o seguinte fragmento:

[...] Já não fallamos sobre methodos aperfeiçoados de ensino: nisso estamos nós na primitiva, e os professores de primeiras letras a tal respeito vivem ainda nos tempos d'El Rei D. João 5º: hum abecedario figurativo da época de João De Barros, hum estilo cançado de soletração, que custa ao alumno tempo e trabalho inútil, nenhum conhecimento da língua, e da pronunciação das palavras; eis o que se encontra na maior parte das escolas, aonde os que estudão, desaprendem a ler, e escrever (Aurora Fluminense, 1831, p. 2279).

Para tecer a crítica à soletração e aos “primitivos métodos”, a matéria lança mão de duas referências: D. João V, que teve um dos mais longos reinados portugueses, de 1707 até à sua morte em 1750, e à “época de João de Barros”, cuja cartilha foi produzida em 1539, em Portugal. Como se vê, a soletração é relacionada a eventos de séculos passados.

Assim é que se vai percebendo, paulatinamente, o discurso pelo fim da soletração e a oferta de artefatos com os quais era possível aprender a ler pela palavra associada à imagem, ou, como era comum à época, “ricamente ilustrado”, “com ricas estampas”, principalmente considerando que “a gravura correspondente á cada letra deve[ria] tornar mais sensível o som e o valor da letra pelo nome do objeto representado”. (Correio Paulistano, 1879, p. 4). Construía-se, assim, um discurso que associava, conjuntamente, valor sonoro da letra com o objeto representado e a palavra. Nessa relação, os abecedários e/ou alfabetos ilustrados terão um papel fundamental para fundamentar tais premissas, evitando que as crianças tivessem que aprender “cantando as sílabas” e soletrando as letras para formar sílabas e palavras.

Considerações finais

Identificar a circulação de artefatos para o ensino inicial da leitura – mais especificamente abecedários e alfabetos ilustrados – em diferentes províncias do Brasil foi o objetivo principal deste estudo. Nesse sentido, constatou-se a maior recorrência dos denominados *Alfabeto Portuguez* ou *Novo Alfabeto Portuguez* ou, ainda, *Expositor Portuguez* em diferentes províncias. Pelos limites dos dados não há como saber se, nos diferentes casos, trata-se sempre do mesmo artefato ou de artefatos diferentes, se publicados com ou sem autoria e/ou editoria.

No que diz respeito à autoria, identificaram-se alguns autores que merecem estudos mais apurados e específicos: J. R. Galvão (*Syllabario Portuguez ou novo método para aprender a ler em breve tempo a língua portuguesa e o sistema métrico ilustrado com numerosas estampas*), J. I. Roquete (*Alfabeto portuguez, ou novo methodo para aprender a lêr com muita facilidade e em muito pouco tempo*), Cícero Peregrino (*Novo abecedario ou methodo facilimo de leitura e escripta*), padre Augusto A. Soares de Ru-sewetter (*Alfabeto Illustrado*) e Francisco de Paula Mascarenhas (*Abecedario Mascarenhas*).

Em relação aos ilustradores, igualmente seriam pertinentes estudos que pudessem identificá-los de forma mais precisa. Como se viu, em O Paiz (1897, p. 3), lê-se que: “Do conhecido editor H. Garnier recebemos um volume do *Alfabeto ilustrado dos animais*, contendo esplendidos desenhos de Travies, Jobin, Klein e outros”.

Para uma história dos métodos de ensino inicial da leitura e da escrita e das correntes pedagógicas em circulação nos oitocentos no Brasil, os discursos – associados – do “aprender brincando”, de forma recreativa, o fim da soletração e o ensino intuitivo merecem especial atenção. Outras fontes de pesquisa, para além dos anúncios e matérias jornalísticas, podem ser acionadas para compreender mais e melhor esses discursos, em especial para a primeira metade do século XIX. Entretanto, os anúncios permitiram estabelecer essa relação pela recorrência em que é referida.

Por fim, é preciso destacar que os dados da pesquisa indicam usos desses artefatos tanto em escolas públicas, como o caso do *Novo abecedario ou methodo facilimo de leitura e escripta*, do pernambucano Cícero Peregrino, cujo Diretoria da Instrução Pública da província do Pernambuco aprovou para ser usado nas escolas públicas de instrução primária, em 1874, quanto pelas famílias, uma vez que jogos e abecedários eram anunciados à venda às famílias. Tratava-se, por vezes, como no caso do jogo Loto de um material aparentemente mais sofisticado (compondo-se de compêndio, cartões ilustrados, letras em madeira, caixinha de madeira, como se destacou) e possivelmente menos presente nas escolas e mais usados em famílias que podiam adquirir tais materiais.

Assim, abecedários e/ou alfabetos ilustrados são, ainda, artefatos que merecem bastante atenção na historiografia brasileira, seja aqueles que circulavam nas escolas, seja aqueles usado em âmbito doméstico. De algum modo, o estudo desses materiais ajuda a compreender processos de ensino e aprendizado inicial da leitura e da escrita no século XIX, tanto para elucidar espaços nas quais esse ensino acontecia, quanto para identificar métodos e propostas em circulação no país, dentre outros aspectos.

Referências

A Constituição. Anno III, N. 41, Ceará, Quinta feira, 1 de março de 1866, p. 4.

A Notícia, Anno II, N. 315. Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1895, p. 2.

Aurora Fluminense. N. 537. Sexta feira, 5 de setembro de 1831, p. 2279.

Cearense. Anno XXXVI, n. 242. Fortaleza, quinta feira, 10 de novembro de 1881, p. 2.

Choppin, A. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. *História da Educação*, Pelotas: ASPHE, v. 13, n. 27, p. 9-75, jan./abr., 2009.

Corrêa, C. H. A.; Silva, L. L. M. Cartas de ABC e cartilhas escolares: alfabetização nas escolas amazonenses (1850-1900). In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 5., 2008, Aracaju. *Anais [...] Aracaju: O ensino e a História da Educação*, 2008. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/442.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2018.

Correio Mercantil. Anno XI, N. 280, Quarta-feira, 11 de outubro de 1854, p. 2.

Darton, R. *O Beijo de Lamourette*. Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Diário do Maranhão. Anno X. N. 1868. Maranhão, Quinta feira, 30 de outubro de 1879, s/p.

Diário Novo. Anno VII, N. 84, Recife, Quinta feira, 13 de abril de 1848.

Diário de Pernambuco. N. 50, Recife, Terça-feira, 6 de março de 1827, p. 5.

Diário de Pernambuco. Anno XXIII, N. 19, Recife, Sabbado, 24 de janeiro de 1846, p. 3.

Diário de Pernambuco. Anno LXVI, N. [?], Recife, Sexta feira, 3 de janeiro de 1890, p. 7.

Diário do Rio de Janeiro, N. 17, Rio de Janeiro, Segunda feira, 23 de junho de 1823.

Diário do Rio de Janeiro. N. 5. Rio de Janeiro, Sexta feira, 6 de agosto de 1830, p. 1.

Diário do Rio de Janeiro. N. 20. Rio de Janeiro, Quinta feira, 23 de março de 1837a, p. 1.

Diário do Rio de Janeiro. N. 18. Rio de Janeiro, Sexta feira, 22 de setembro de 1837b, p. 2.

Diário do Rio de Janeiro. N. 23. Rio de Janeiro, Sabbado, 30 de dezembro de 1837c, p. 2.

Diário do Rio de Janeiro, Anno XXXIII, N. 554, Rio de Janeiro, Sexta feira, 8 de dezembro de 1854, p. 2.

Frade, I. C. A. S. Uma genealogia dos impressos para o ensino da escrita no Brasil no século XIX. *Revista Brasileira de Educação* v. 15, n. 44, pp. 264-281, 2010a.

- Frade, I. C. A. S. Alfabetização, escolarização e cultura escrita em Minas Gerais no século XIX. In: Marinho, M.; Carvalho, G. T. (Orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010b. p. 249-278.
- Frade, I. C. A. S. Materiais utilizados para ensinar a ler e escrever no Brasil: significados e pragmática (1840-1960). In: Castellanos, S. L. V.; Castro, C. A. (Orgs.). Livro, Leitura e Leitor: perspectiva histórica. São Luís: Café & Lápis; EDUFMA, 2016.
- Hébrard, J. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. *Teoria & Educação*, 2, 1990. p. 65-110.
- Hébrard, J. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – Séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de História da Educação*. v.1, n.1, 2001. Disponível em: < <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38753>>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- Hébrard, J. Os livros escolares da Bibliothèque Blue: arcaísmo ou modernidade? *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 4, p. 10-45, 2002.
- Hébrard, J. A lição e o exercício: algumas reflexões sobre a história das práticas escolares de leitura e escrita. *Educação*, Santa Maria, v. 32, n. 01, p. 11-20, 2007.
- Jornal do Commercio. Anno 48, N. 55, Rio de Janeiro, quinta feira, 25 de fevereiro de 1869, p. 4.
- Jornal do Recife. Ano XL, N. 20, Pernambuco, Domingo, 7 de novembro de 1897, p. 2.
- Manuel Cícero Peregrino da Silva. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/projetos/200anos/manuelCicero.html>>. Acesso em: 14 set. 2022.
- Monitor Campista. Anno 42, N. 181, Campos, Segunda 11 e Terça feira 12 de agosto de 1879, p. 4.
- O Commercio de São Paulo. Anno III. N. 713, São Paulo, quarta feira, 24 de julho de 1895, p. 3.
- O Mosquito. Anno 6º, N. 245, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1874, p. 2.
- O Paiz. Anno XIII, N. 4569, Rio de Janeiro, Quarta feira, 7 de abril de 1897. p. 4.
- Pedro II. Anno XXIII, N. 170. Fortaleza, Quinta feira, 30 de julho de 1863, p. 4.
- Publicador Maranhense. Anno XXV, N. 18, São Luiz, Terça feira, 23 de janeiro de 1866, p. 4.
- Relatório da Repartição dos Negócios de Guerra à Assembléa Geral Legislativa. Pelo respectivo Ministro e Secretario d'Estado Manoel Felizardo de Souza e Mello. Rio de Janeiro, Typografia Nacional, 1850.
- Stephanou M.; Souza, M. V. P. (2016). Abecedários em circulação: entre dicionários, impressos e cartilhas escolares. *História da Educação*, v. 20, n. 50, p. 297-325, 2016.
- Souza, M. S. P. *Abecedários, Brasil*: contribuições à história dos impressos e sua circulação nos anos 1936 a 1984. Porto Alegre: UFRGS, 2015. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.
- Souza, M. V. P. *Abecedários do século XIX*. Letras, palavras e gravuras em circulação transnacional. Porto Alegre: UFRGS. 2022. 329 f. (Tese Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.
- Valdemarin, V. *Estudando as Lições de Coisas*: análise dos fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo. Campinas: Autores Associados, 2004.
- Vojniak, F. O Império das primeiras letras: epítome de uma história de cartilhas de alfabetização no século XIX. *Revista Educação e Políticas em Debate*, v. 3, n. 1, p. 23-37, 2014.

Recebido em: 26/01/2023

Aceito em: 16/02/2023